

“SOU UM DOS POUCOS DIRETORES QUE REALIZAM FILMES PORNÔS E FILMES MAINSTREAM”

ENTREVISTA COM O CINEASTA CANADENSE BRUCE LABRUCE

Danilo Fantinel¹



Foto: Divulgação

Se a identidade é um tema recorrente em vários campos da ciência, o debate sobre gêneros e orientação sexual não poderia deixar de ser um foco contínuo do cinema. Em maior ou menor grau de profundidade, diretores de várias nacionalidades analisam a questão, que diz respeito não apenas à dimensão pessoal da existência, mas também à própria composição da sociedade. Porém, entre tantos realizadores, poucos conseguem atingir o nível de provocação política do polêmico Bruce LaBruce.

1 Jornalista formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1999. Trabalhou no jornal Zero Hora entre 1995 e 1999, quando passou a integrar a primeira equipe de jornalismo do portal Terra Networks Brasil. danilo.fantinel@gmail.com. PORTO ALEGRE, BRASIL.

Radical, controverso e experimental ainda aos 50 anos, o cineasta canadense gay de origem punk se mantém um observador atento dos movimentos sociais e um crítico feroz do modelo econômico capitalista. Desde seu início como diretor em 1987 com *I Know What It's Like to Be Dead*, sua filmografia é marcada por ataques contundentes, irreverentes e poéticos a um estilo de vida ocidental que produz divisão, marginalização e discriminação - mazelas que transitam entre o domínio individual, o núcleo familiar e a estrutura societária.

Em seu discurso cinematográfico inquieto, assinalado por um realismo contemporâneo inspirado pelo audiovisual de vanguarda realizado entre 1940 e 1960, pelo cinema independente dos anos 1970 e pelas diversas áreas da cultura underground, especialmente a música, LaBruce articula narrativas pouco convencionais atreladas a uma pluralidade estética autoral.

O canadense dá voz e rosto a segmentos sociais excluídos e minoritários, dedicando atenção especial às crises decorrentes do conflito de identidade de gêneros e também aos deslocamentos sociais impostos por pulsões sexuais extremas. Para isso, utiliza a pornografia como poucos tanto fora quanto dentro da indústria pornô, aproximando-se do *sexploitation*, porém sempre com um viés mais argumentativo do que exploratório. Além disso, lida com romance, drama, tragédia, ironia, humor e violência de forma engenhosa.

Já a carga política toma forma em pelo menos duas frentes marcantes: a condenação de uma faceta do movimento gay, que pende para o que classifica como “conservadorismo assimilacionista”, e a oposição ao capitalismo global, alvo constante de personagens nitidamente revolucionários, verborrágicos e inconformados - porém certas vezes propositalmente contraditórios.

Admirador de realizadores tão díspares quanto Maya Deren, Dario Argento, John Waters, Robert Altman e Rainer Werner Fassbinder, Bruce LaBruce se firma como um dos mais versáteis, inspirados e combativos cineastas da atualidade. Talvez por isso sua polêmica obra divida opiniões, tornando-o celebrado por festivais de cinema e publicações respeitadas e, ao mesmo tempo, rechaçado pela maior parte do mercado audiovisual, que evita exibir seus filmes no circuito comercial.

A entrevista abaixo foi realizada durante a participação do artista no 10º Fantaspoa, realizado em Porto Alegre em maio de 2014, onde apresentou o cultuado *Otto; or,*

up with dead people (2008), sua primeira incursão pela cultura zumbi, e o excelente *Gerontophilia* (2013), sobre um jovem canadense apaixonado por um idoso residente em um asilo. Na capital gaúcha, Bruce também apresentou o experimental *Pierrot Lunaire* (2014), vencedor do prêmio especial do júri no Teddy Awards do Festival de Berlim deste ano e destaque da programação prévia do 8º Cine Esquema Novo Expandido.

Durante a conversa, o cineasta falou sobre sua carreira e comentou seus novos projetos: *Ulrike's Brain* (2014) e *Twincest*, ainda em pré-produção.



Foto: Amália Gonçalves/Fantaspoa

Danilo Fantinel: Você imprime uma abordagem política a seus filmes e, em muitos deles, esse posicionamento está relacionado ao sexo seja diretamente ligado ao corpo, seja a partir de um ponto de vista mais amplo. Como você traduz o sexo em um discurso político para o cinema?

Bruce LaBruce: Já no início da minha carreira eu fazia curtas experimentais com conteúdo pornográfico. Inseria trechos de antigos pornôes em super-8 e imagens de fanzines punk para montar colagens nos meus filmes. Era uma provocação especialmente para a cena punk, muito homofóbica. O objetivo era apontar que punks jamais seriam

verdadeiramente radicais se não conseguissem lidar com sexo gay explícito. Era também um desafio a um senso neoconservador que vinha se desenvolvendo no movimento gay naquela época. Apesar disso, mesmo no início, também sempre apresentei abordagens românticas entre os personagens. Sempre foi uma meta exibir sexo explícito combinado com outros elementos como romance ou humor.

DF: Você foi punk e seus filmes têm muitos personagens anarco-punks gays, skinheads homossexuais, garotos de programas perdidos, mulheres revolucionárias, agitadores comunistas e até mesmo terroristas. São figuras inconformadas que exigem mudança social. Como a comunidade gay tradicional recebe isso? O movimento gay atual é ativo como foi entre os anos 1960 e 1980?

BL: Meus filmes sempre são politicamente incorretos em termos de movimento gay, pois lidam com skinheads neonazistas, revolucionários da extrema esquerda, prostituição masculina, além de pessoas que mantêm relações homossexuais, mas que não se identificam como gays. Muitas vezes, a homossexualidade não está relacionada a uma identidade gay fixa. Pode ser muito mais fluida - algo que muitos gays não gostam de ouvir. Já nos anos 1980, eu e meus amigos estávamos desiludidos com o direcionamento conservador do movimento gay, que achávamos estar se tornando burguês, assimilacionista, algumas vezes misógino e racista, desassociado dos elementos mais extremos do mundo gay. Hoje, o movimento gay está político, mais de um modo diferente. Está mainstream, objetivando a inclusão e defendendo instituições conservadoras, como o casamento (*gay*) e (*a participação nas*) Forças Armadas, que são temas que não me interessam. Entendo que as pessoas querem igualdade, mas não acredito nesta estratégia de aproximação a instituições conservadoras para obter o que querem.

DF: Seus filmes são bastante chocantes e, por vezes, cruéis. O quanto é importante quebrar regras e chegar ao limite de certos temas? Você acha que filmes precisam estar em um nível muito diverso da realidade? Ou sua obra apenas reflete uma realidade muito específica?

BL: O que mais me interessa ao fazer filmes é explorar territórios que não deveriam ser representados. Gosto do tabu, de limites e de ver até onde consigo pressionar com transgressões. Há certas coisas sobre as quais não devemos falar, então tento explorar estes temas ao máximo. Quando fiz *LA Zombie* (2010), por exemplo, que é muito rude e pornográfico, acho que havia algo de romântico e esquizofrênico no personagem zumbi

sem-teto, que achava que poderia trazer pessoas de volta à vida relacionando-se sexualmente com elas. Mas a necrofilia não pegou bem na Austrália, por exemplo. Mesmo em *Gerontofilia* (2013), um filme mais gentil e mainstream, sem sexo explícito, eu lido com tabu ao exibir um homem de 81 anos se relacionando com um garoto, que não apenas gosta dele como sente atração sexual por vários homens idosos. Isso é o máximo que se pode chegar em termos de relacionamento entre gerações.

DF: Você já sofreu censura e uma tentativa de destruição do longa *No Skin Off My Ass* (1991) durante a revelação do filme. Ainda enfrenta muita reação negativa de indústria, mídia e sociedade?

BL: Sim. Nos anos 1990, integrantes do lobby do cinema chamavam a polícia, pois achavam que os filmes eram muito pornográficos. Havia tentativa de censura e de confisco, além de protestos em frente a salas de exibição. Fui acusado de fazer coisas ruins. Em Madri, em 2011, durante uma mostra de fotografias chamada *Obscenidade*, que explorava imagens católicas, espiritualidade e sexualidade, houve protestos e ameaça de bomba.

DF: Como você se sente ao ser constantemente criticado por exibir todo tipo de perversão de modo explícito? Considera o cinema o suporte ideal para representar perversões, sejam elas quais forem, não apenas sexuais?

BL: Cinema é completamente visual, então há um grande impacto quando se mostra sexo explícito na tela. É algo que, para muitos, não se deveria exibir ao público mainstream. Então, isso sempre causa controvérsia. Porém, um dos primeiros filmes já feitos foi sobre um beijo. Muitos cineastas desde o início buscavam romance, drama e paixão. Cinema não precisa ser sobre isso, mas frequentemente é.

DF: Após filmes como *Azul é a Cor Mais Quente* (2013), de Abdellatif Kechiche, *Ninfomaniaca* (2013), de Lars Von Trier, e *Tatuagem* (2013), de Hilton Lacerda, o debate sobre as diferenças entre arte erótica e pornografia foi restabelecido no Brasil. Em qual nível essas linguagens se diferem no cinema?

BL: Quando vejo *Ninfomaniaca*, cuja parte 1 eu adorei e a parte 2 eu detestei, vejo que ele Lars von Trier é certamente é um provocador, mas não vejo o filme como pornô. Eu faço filmes pornôs, com penetração completa e cenas longas. Às vezes faço duas versões, uma hardcore e outra softcore. A versão pesada acaba sendo comercializada

como pornô e a versão leve entra em festivais de cinema. Quando vejo esses filmes de arte com um pouco de pornografia penso que eles não são verdadeiramente pornôs. Quando você faz pornô como eu você vê o quanto é difícil. *Gerontophilia* em grande parte foi financiado pelo governo do Québec. Eles estavam preocupados se o filme seria pornográfico, mas eu realmente não estava interessado nisso neste longa. Mesmo o filme francês *Um Estranho no Lago* (2013), de Alain Guiraudie, tem cenas muito breves de sexo explícito gay, mas usaram dublês de corpo. Para mim, não é pornô. Então, sou um dos poucos diretores que consegue realizar filmes pornôs e filmes mainstream. Mesmo filmes dos anos 1970 ou a série de TV *True Detective* não são pornôs, apesar da nudez frontal. Mas há muitos filmes que passam na TV a cabo que são mais pornográficos do que alguns exibidos no cinema. *Game of Thrones* parece um pornô softcore.

DF: Por que você resolveu fazer filmes sobre zumbis? Seria uma crítica ao conformismo? Há planos para realizar uma trilogia depois de *Otto* e de *LA Zombie*?

BL: Os filmes de zumbi atingem outras audiências, que gostam de *gore*, sangue, fantasia e horror. Além disso, sempre amei filmes de horror, especialmente dos anos 1970, como *Martin* (1976), de George A. Romero, ou ainda *Carnival of souls* (1962), de Herk Harvey, que abordam monstros desajustados, que representam algo que não se enquadra na sociedade. São como outsiders que as pessoas não entendem. Se eu fizesse outro filme sobre zumbis gostaria que fosse algo mais clássico, com um maior orçamento, mas com importantes alterações conceituais.

DF: Você comentou anteriormente que poderia ser um filme zumbi contrário ao padrão, com pessoas normais comendo mortos. Foi uma brincadeira ou é uma possibilidade?

BL: Sim, verdade. Mas não sei se farei. Tive uma ideia, surgida de *Terra dos Mortos* (2005), sobre a rebelião zumbi e sobre a qual tratei em *Otto* (2008), a respeito de zumbis mais simpáticos, mas que refletem um levante proletário contra a burguesia... Ainda não sei como será o próximo.

DF: *Gerontophilia*, sobre um jovem com fetiche por idosos, é muito peculiar, pois gays geralmente evitam falar sobre envelhecimento e se relacionar com pessoas mais velhas. O que o inspirou?

BL: Exato. Essa foi uma das razões pelas quais fiz o filme. A sexualidade dos idosos é geralmente retratada na mídia como algo grotesco ou cômico. Na minha pesquisa, percebi que muitas pessoas que estão em asilos são muito sexuais e, algumas vezes, são medicadas para que essa tendência seja inibida. Quis representar esse quadro de uma forma mais sensível e crível para o público acreditar na atração entre o velho e o jovem. Entre gays, há uma notória atenção ao corpo e à idade. Assim, foi ainda mais poderoso, em um contexto gay, mostrar que há diferentes tipos de atração sexual, nem sempre baseada na ideia do corpo perfeito e jovem. O filme vai contra a natureza do mundo gay.

DF: *Gerontophilia* é bem diferente de seus outros filmes. Parece ser mais sensível e poético. Tem uma estética mais refinada. O que mudou nos últimos anos?

BL: Bem, *Otto*, meu primeiro filme gay zumbi, tinha pornografia e aspereza, mas também era um filme melancólico sobre um menino muito sensível. Então, acho que esses elementos sempre estiveram presentes no meu trabalho. No entanto, as pessoas geralmente não se dão conta disso devido às imagens mais extremas. Assim, em *Gerontophilia*, em que evito cenas de sexo explícito, há uma ênfase maior em outros aspectos do meu trabalho que sempre estiveram lá.

DF: O que você pode dizer sobre seus novos filmes *Pierrot Lunaire* (2014) e *Ulrike's Brain* (2014)?

BL: *Pierrot Lunaire* é um filme experimental baseado em uma ópera avant-gard de Arnold Schoenberg. Eu havia montado a obra para os palcos há três anos e decidi adaptar para o cinema, adicionando minha própria narrativa. É sobre um transexual feminino que expressa sua sexualidade de uma forma bastante agressiva. É um longa lírico, segue um estilo de cinema mudo, e ganhou o prêmio especial do júri no Teddy Awards do Festival de Berlim deste ano. Já *Ulrike's Brain*, outro filme experimental de baixo orçamento, é uma sequência de *The Raspberry Reich* (2004). Trata sobre uma feminista revolucionária de extrema esquerda, inspirada na ativista alemã Ulrike Meinhof. Tem elementos de filmes B, com um filme dentro do filme. Além deles, trabalho no projeto de *Twincest*, um longa sobre sexo entre gêmeos. Será mais mainstream, sem sexo explícito.

DF: Quais suas maiores influências no cinema?

BL: Além de Romero, adoro Dario Argento, Wes Craven, Roman Polanski. Também gosto de diretores independentes dos anos 1970, como John Waters, John Cassavetes, Frank Perry, Jerry Schatzberg e Robert Altman. Entre os europeus são muitos, como Jean-Luc Godard, Ingmar Bergman, Rainer Werner Fassbinder e Jean Genet.

Site oficial de Bruce LaBruce <http://brucelabruce.com/videos.html>

Trailer de *Otto*: <http://youtu.be/bUln983oZao>

Trailer de *Gerontophilia*: <http://youtu.be/mR39V5i1G4Y>

Trailer de *Pierrot Lunaire*: <http://youtu.be/dQSVvaFbiCA>

Trailer de *LA Zombie*: <http://youtu.be/XqcMb71zeL4>

Trailer de *No Skin Off My Ass*: http://youtu.be/_Fnw1RLmjTk

Trailer de *The Raspberry Reich*: <http://www.youtube.com/watch?v=vn1rqicvZp0&list=PL6186171A32139FF2&feature=share&index=3>

Trailer de *Hustler White*: http://youtu.be/ukd_nEjKqZg

Entrevista recebida: 31 de maio de 2014

Entrevista aceita: 05 de julho de 2014